

O BOLETIM

**DOS
AMIGOS**

**DO PADRE
CAFFAREL**



BOLETIM DE LIGAÇÃO Nº 8
Janeiro 2011

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL
49 RUE DE LA GLACIERE
F-75013 PARIS
www.henri-caffarel.org

LES AMIS DU PÈRE CAFFAREL

Associação conforme lei 1901 pela promoção da Causa
de canonização do padre Henri Caffarel

49, rue de la Glacière - (7^o andas) - F 75013 PARIS

Tél. : + 33 1 43 31 96 21 - Fax.: + 33 1 45 35 47 12

e-mail: association-amis@henri-caffarel.org

Site Internet : www.henri-caffarel.org

ÍNDICE

- Editorial : « Santificado seja Vosso Nome »
 Maria-Carla e Carlo Volpini..... p. 4
- O bilhete do Postulador :
 Padre Paul Dominique Marcovits, o.p.p. 6
- Carta de uma equipe italiana
 Annina et Gianpaolo Martinelli p. 8
- Colóquio sobre o Padre Caffarel
 Mons. François Fleischmannp. 10
- Arquivo: texto do Padre Caffarel (Anneau d’Or 1945)
 Vocação do amorp. 12
- Testemunho do Presidente do Movimento Familiar Cristão da
 Argentina
 enviado por Maria e Agustín Fragueiro p. 19
- Associação dos Amigos do Padre Caffarel,
 Membros de honra..... p. 21

Você pode encomendar o DVD do Padre Caffarel:

L’Association des Amis du père Caffarel,

- Ou pelo correio : 49 rue de la Glacière F-75013 PARIS
- Ou por Internet no site : www.henri-caffarel.org

Ao preço de **5 €**

Veja na última página o boleto para a renovação de sua adesão para 2011

Escreva no verso do boleto os nomes dos amigos que você gostaria que fossem convidados a aderir.

EDITORIAL

Santificado seja o Vosso Nome

Maria-Carla e Carlo Volpini



Cada vez que recitamos a oração do Pai Nosso, com as palavras que o próprio Jesus nos ensinou, estamos, em verdade, nos unindo não apenas a todos os homens da terra, filhos de Deus, mas também a Jesus Cristo, o primogênito, o filho amado de Deus.

Escreve o Padre Caffarel, em seu livro *Presença de Deus*¹: “A grande adoração ininterrupta que ‘do oriente ao ocidente’ sobe de todos os filhos de Deus para seu Pai não é senão essa adoração do Filho primogênito que ele mesmo transfunde no coração de cada um de seus irmãos.”

Um pai é alguém que tenho junto de mim, que me sustenta, me faz crescer, que está próximo de mim... mas esse Deus Pai está longe, nos céus: perto e longe, em mim e fora de mim, no presente e além de todos os tempos, contingente e eterno, o Abba e o Absoluto, o Deus que está perto de mim, aquele que não se pode compreender, aquele que não se pode conhecer.

O Pai: aquele a quem posso me dirigir tendo a certeza de sua atenção e de seu amor por mim; “que estais nos céus”: para me lembrar que ele não pertence somente a mim, à minha realidade, à minha raça, à minha cultura, à minha história, para me lembrar que ele conserva toda a sua divindade, totalmente diferente de minha humanidade, para me lembrar que ele transcende qualquer dimensão terrestre e limitada, que estais nos céus e não sobre a terra.

Quando dizemos “*Santificado seja o vosso nome*”, é preciso lembrar que o Nome é a própria realidade daquilo que exprime; quando Adão dava nomes aos objetos e aos animais, ele os reconhecia em sua identidade e afirmava seu poder sobre eles.

¹ H. Caffarel, *Présence à Dieu. Cent lettres sur la prière*, Paris, Parole et Silence, 2000, p. 125

O nome de Deus é o próprio Deus: é por isso que em toda a história de Israel ele jamais é chamado senão por sinônimos (Adonai, Sabaoth...) Hoje, é a nós, seres humanos, que cabe santificar o nome de Deus, como se Deus não se bastasse a si mesmo para ser o Santo!

De um lado, na linguagem bíblica, a palavra *Santo* significa perfeito, abençoado, justo; de outro lado, na língua hebraica, tem o sentido etimológico de “separado”, do mesmo modo que em latim o verbo “*sancire*” (do qual deriva a palavra *sanctus*) quer dizer “cortar”, “afastar”.

O que pode significar tudo isso? Uma vez mais, no mesmo momento em que somos convidados a pronunciar o nome de Deus e a santificar este nome, Deus nos lembra que Ele está longe, que Ele está separado de nós, que Ele é o Outro sempre procurado e nunca completamente compreendido.

Deus, que em seu Ser é o Santo que se apresenta longínquo, separado, distante, é o mesmo Deus que se faz próximo porque está ao nosso lado, Ele é o Santo, no sentido de que é plenamente justo e plenamente bom.

Assim a palavra Santo separa e une ao mesmo tempo: situa Deus nos céus, longe do homem, e ao mesmo tempo envolve-o na história e na vida do homem, pois Ele é o misericordioso, Pai para o homem.

O Padre Caffarel quer nos lembrar que cada vez que rezamos com essas palavras, não estamos sozinhos diante de Deus Pai, mas o próprio Jesus está conosco: por isso, a oração deve sempre ser vivenciada numa atitude de profunda interioridade que nos coloca verdadeiramente no coração de nosso Senhor.

O bilhete do Postulador

Colóquio sobre o Padre Caffarel : a continuação

Padre Paul-Dominique Marcovits , o.p.



O colóquio que teve lugar no colégio dos Bernardinos, nos dias 3 e 4 de dezembro últimos, foi para todos nós uma oportunidade para uma real descoberta do Padre Caffarel. Cada um de nós tem o “seu Caffarel”! Encontros em Troussures, lembranças dos Encontros de Roma ou ainda de suas visitas ao Brasil... Nós o enxergamos a partir de nosso ponto de vista. No colóquio, vimos que o Padre Caffarel tem muitas facetas! E no entanto, há uma unidade profunda nesse sacerdote, uma unidade que vem de Deus. No colóquio, foi sua pessoa, em toda a sua amplitude, que se manifestou aos poucos... Foram, naturalmente, aparecendo suas sombras e suas luzes. Foi sobretudo a influência que teve sobre pontos fundamentais da vida cristã que foi destacada: sua marca sobre o casamento, sobre a viuvez, sobre a oração é claríssima. Começam a ser escritos livros sobre esses assuntos que nos ajudam a entrar no pensamento do Padre Caffarel.

Restam, todavia, muitas questões a serem aprofundadas. Por exemplo, a relação entre os sacramentos da ordem e do matrimônio, esses dois sacramentos apresentados pelo Catecismo da Igreja Católica como sendo “os dois sacramentos ao serviço da comunhão” na Igreja. Padre Caffarel escreveu sobre esse tema e sempre fez questão da presença dos padres nas Equipes de Nossa Senhora como conselheiros espirituais.

Seria também necessário trabalhar a relação entre o Padre Caffarel e a Igreja: sua obediência e sua inteligente liberdade. Conviria também estudar o lugar do movimento carismático e do ecumenismo. Uma

primeira colocação foi feita no Colóquio, que abriu muitas pistas. Poder-se-ia ainda mostrar o lugar do laicato em seu pensamento. Ou a atitude do Padre Caffarel em relação à Encíclica *Humanae Vitae* de Paulo VI... Ou ainda, o Padre Caffarel e a arte: jovem, ele pintava e encomendou vitrais para a capela de Troussures, magníficos vitrais que exprimem a sua fé. Aqui estão, na desordem, algumas pistas de trabalho. Haveria outras.

Portanto, restam ainda pesquisas a serem feitas. Para o avanço de uma causa de canonização, nada substitui a oração! Nada, tampouco, substitui a pesquisa. Se quisermos que o Padre Caffarel possa fazer cada vez mais bem à Igreja e ao mundo, é nosso dever colocar bem em relevo a profundidade de sua vida e de seu pensamento.

*Para correspondência, por carta, ao endereço da Associação,
por e-mail : postulateur@henri-caffarel.org*

Carta de umma equipe italiana

Comentários sobre o tema

“O Padre Caffarel, profeta do matrimônio”

Somos Annina e Giampaolo Martinelli,
casal responsável da **Região Nordeste da Super Região Itália**

Em nosso último Encontro Regional, no sábado 14 e domingo 15 de novembro de 2010, em Varese, no norte da Itália, organizamos um breve encontro, em forma de mesa redonda, com os casais que este ano haviam refletido sobre o tema de estudos “O Padre Caffarel, profeta do matrimônio”.

Podemos assim resumir o resultado dessa reflexão comunitária: para nós, esse tema de estudos sobre os textos do Padre Caffarel constitui uma coletânea de “pérolas” sobre a espiritualidade, não apenas para os equipistas, mas para todos os casais e para todo o cristão.

Ao ler os textos, tivemos a impressão de que, quando o Padre Caffarel escreve para os casais, na realidade ele está pensando em toda a Igreja. Parece até que o Padre Caffarel quer convidar toda a Igreja a pôr toda a sua confiança no Cristo, sobretudo e especialmente por meio do *diálogo* que ele chama *“oração interior”*. É a fonte primeira de todas as *ações* do cristão.

Ele envia esta mensagem primeiramente aos casais cristãos, e particularmente aos equipistas, para que o seu testemunho de amor encarnado torne mais forte a mensagem e a própria oração interior, que, no fundo, é um diálogo de amor.

No seio das equipes que trabalharam este tema, havia casais bem inseridos no Movimento, que haviam aderido à mensagem do Padre Caffarel, mas havia também casais de equipes novas e outros, ainda um pouco céticos ou desencantados. O que nos surpreendeu foi que, indistintamente, todos esses casais acolheram a espiritualidade para a qual o Padre Caffarel nos convida, quase como surpresos, mas sobretudo com um real interesse, ao descobrirem o verdadeiro fundamento das ENS, que talvez ainda não tivesse sido bem

compreendido.

Outro aspecto notável que surgiu do conjunto desses textos é que a “santidade” é um “caminho de vida” ao alcance de todos os cristãos e não somente um “objetivo” reservado àqueles que vivem sua fé em profundidade. É verdade que esse conceito é frequentemente repetido pela Igreja, mas destaca-se de maneira bem peculiar nas palavras do Padre Caffarel. Por fim, sublinhou-se que o Padre Caffarel teve a intuição de que a santidade é uma meta acessível em casal e para ser vivida em casal. É uma das razões fundamentais pelas quais hoje, mais do que nunca, o Padre Caffarel é reconhecido como um *profeta de nosso tempo*.

Gostaríamos que todas as equipes do mundo refletissem sobre este belo tema de estudos!

COLÓQUIO
Sobre Padre CAFFAREL

Monsenhor Fleischmann



UM FRUTUOSO COLÓQUIO

Nos dias 3 e 4 de dezembro de 2010, o Colégio dos Bernardinos acolhe os participantes, numerosos e diversificados; muitos descobrem este belo edifício cisterciense, de novo dedicado à reflexão cristã. A equipe de organização e de acolhida torna tudo fácil.

Muitos aspectos da personalidade e da obra do Pe. Caffarel são revistos ou descobertos. Aqui só posso enumerar.

Sexta feira

Após apaixonada abertura do colóquio pelo Padre Paul-Dominique Marcovits, o filme da vida do Padre Caffarel restabelece a ordem da cronologia, com imagens e som... Um membro de sua família nos apresenta o entorno familiar de Lyon. Após um balanço de sua obra escrita, Claude Daudin nos mostra a cultura literária do Pe. Caffarel e a inspiração que ele tirou de Péguy, Claudel e muitos outros. O Pe. Gérard Pelletier nos faz entrever o que podem ter sido a vida e o ministério de Pe. Caffarel nos dez primeiros anos de seu ministério.

Algumas percepções penetrantes sobre a obra: a irradiação internacional evocada pelo casal Volpini e o casal Nadas para o Brasil. Jean Allemand, referência viva, apresenta os Estatutos das ENS. Odile Macchi nos lembra o inspirado acompanhamento das viúvas pelo Padre Caffarel. E o historiador Olivier Landron avoca os anos de presença do Pe. Caffarel junto à Renovação Carismática.

Sábado.

Agnès Walch, a responsável pelo colóquio, nos mostra as origens da espiritualidade conjugal, que antecedem e nutrem Henri Caffarel. O Pe. Bordeyne, teólogo, situa a reflexão do Pe. Caffarel sobre o matrimônio no momento do Concílio Vaticano II. Vindos da Espanha, os Gomez-Ferrer dão seu testemunho sobre a vida de equipe. O Pe. Mattheeuws analisa a espiritualidade conjugal proposta pelo Pe. Caffarel, em sua originalidade.

Xavier Lacroix faz uma apreciação das características da pedagogia e da teologia do Padre. Cabe ao Pe. Arnaud Gautier destacar os grandes eixos da meditação no ministério de Henri Caffarel. O casal de Roberty evoca a semana de oração em Troussures. E dom Guy Thomazeau dá uma conclusão pessoal emocionante.

Quero anotar com satisfação a presença entre nós de três jovens sacerdotes autores de obras universitárias sobre o Pe. Caffarel.

Aguardamos a publicação da Ata deste denso e apaixonante Colóquio, que não deve demorar.

Arquivo

Padre Henri Caffarel :

Vocação do amor



Entre os textos do Padre Caffarel sobre o casal, escolhemos este artigo que nos impressionou especialmente, e que foi publicado em 1945, no número 1 do “Anneau d’Or”

(E como de hábito, devido ao comprimento do texto, tomamos a liberdade de fazer alguns cortes entre os trechos escolhidos, assinalados com .../...)

A palavra amor designa sentimentos diferentes, por vezes conflitantes.

.../...

Nosso objetivo é de falar apenas do amor conjugal cristão, tal como se encontra frequentemente – nem sempre, infelizmente – nos casais fundados sobre o Sacramento de Matrimônio. É um dom generoso e recíproco: bem mais do que um fervor partilhado, é o compromisso de duas pessoas que se dão um ao outro totalmente, exclusivamente, definitivamente. É um impulso que, jorrando do mais profundo da alma, atravessa o ser, fazendo o vibrar inteiramente e encontra um outro coração ao atravessar seu envelope de carne; esse fervor vibrante, porém, nem sempre se mantém igual; pode conhecer momentos de declínio sem que, por isso, o amor seja enfraquecido. Porque há um fervor da vontade no qual consiste essencialmente o amor: uma melodia muito pura que não exige necessariamente o acompanhamento do fervor sensível, apesar desta, frequentemente, dar-lhe suporte e um meio útil para sua expressão.

.../...

*

* *

O que seria do amor humano se Cristo não lhe tivesse trazido a salvação? Assim como aqueles doentes, aqueles paráliticos, aqueles possuídos [pelo demônio] às portas das cidades da Palestina, o amor humano

esperava um salvador. O Salvador passou, ergueu o amor, curou-o pela instituição do sacramento de matrimônio, reconciliou-o com Deus. De ora em diante, o amor terá a força para resistir aos inimigos de dentro e de fora.

Infelizes, os amores presunçosos que não querem o Salvador. Felizes os que lhe dão sua humilde confiança: “O amor não triunfava, ajoelhava-se diante da graça, suplicando ser por ela revestido, alimentado, fortalecido para a glória de Deus”, escrevia Mireille Dupouey, lembrando da manhã de seu casamento.

Após ter curado o amor, a graça, incansável trabalhadora, recria-o sem cessar, renova diariamente sua juventude e utiliza, com uma arte superlativa, as alegrias e os sofrimentos, os esforços e até os próprios erros, para torná-lo mais alegre e mais forte. A comunidade conjugal é sólida, pois a graça é uma poderosa operária da união. É uma união que ela faz, conserta, consolida dia após dia. Para render-lhe homenagem, Jacques Rivière, depois de uma crise dolorosa, encontrou palavras pungentes: “Sim, o Sacramento está sobre nós; recebemo-lo sem saber ainda direito, mas com a alma que era necessária; é por isso que ele “pegou” em nós. Agora, ele nos recompensa por essa pequena e confusa confiança que nele depositamos, ele nos devolve nosso amor liberto, multiplicado, alicerçado no eterno”.

A fonte dessa graça é o sacramento de matrimônio. E esse sacramento, como todos os demais, é fruto da Cruz. “Derramei aquela gota de sangue por ti”. Essa palavra que Pascal põe nos lábios de Cristo dirige-se também ao amor humano. Por que será, então, que tão poucos cristãos pensam em agradecer o Senhor por esse dom maravilhoso?

Poder-se-ia objetar que, bem antes da vinda de Cristo, grandes exemplos de amor conjugal haviam sido oferecidos à humanidade, cuja memória foi conservada pela literatura profana e pela Bíblia. Mas isso não representa uma dificuldade para o cristão, pois ele sabe que a fonte que jorrou do Calvário se derramou pelas duas vertentes da montanha: o Antigo e o Novo Testamento. Era já a graça de Cristo que resplandia no lar de Tobias, assim como nos lares dos patriarcas. É ainda ela que, em nossos dias, conserva, por vezes sem que eles o saibam, o amor de casais de boa vontade.

Diante de tais certezas, como esposos cristãos poderiam deixar de ser inabalavelmente otimistas? As dificuldades e as tentações não os farão temer por seu amor nem por seu futuro. Sabem que duvidar do amor seria o mesmo que duvidar da graça. A esperança não pode faltar àqueles que aprenderam que Cristo deu sua vida por amor do amor.

*
* *

A fonte do amor cristão não está no coração do homem. Está em Deus. Para os esposos que querem amar, que querem aprender a amar cada vez mais, só existe um bom conselho: procurem Deus, amem Deus, fiquem unidos a Deus, deixem todo o espaço para Ele.

Quem se separa de Deus, mesmo que não perca o poder de amar, está abandonando o melhor de seu amor. Em contrapartida, este cresce na medida em que cresce o amor a Deus. A união conjugal vale, em qualidade humana e em qualidade de eternidade, o que vale a união dos esposos com Deus. Quanto mais se abrirem ao Deus de amor, tanto mais rico será seu intercâmbio de amor. Diante deles, abrem-se perspectivas infinitas: seu amor nunca deixará de crescer, pois eles podem sempre abrir-se mais amplamente ao dom de Deus. Se quiserem que seu amor seja uma chama viva, cada vez mais alta, amem a Deus cada dia mais.

Um maior amor a Deus não leva necessariamente a um maior amor conjugal, mas obtém uma graça mais abundante que dá ao cristão mais facilidade e forças para cumprir seus deveres, entre os quais o amor conjugal é um dos primeiros.

É pela oração e pelos sacramentos que os esposos haurem nas fontes da graça divina. A Penitência mantém a transparência do coração dos esposos e o germe de fogo que a Eucaristia deposita em cada um ilumina e aquece a vida conjugal. Que magnífico sentido assumem a confissão antes do casamento e a comunhão durante a missa que vem depois, quando vistas nessa luz.

O definhamento de muitos amores é explicado pelo esquecimento desse princípio fundamental: afastar-se de Deus e pecar contra Ele é pecar contra o amor ao cortar-se da fonte do amor. Recusar-se a Deus é recusar ao cônjuge seu pão de cada dia: o amor. Mente quem diz que tem estima pelo amor enquanto despreza o Amor.

*
* *

Deus está na origem do amor, mas ele está também no seu final. O amor vem de Deus, ela vai a Deus; Deus é o alfa e o ômega do amor.

Fazer do amor um absoluto, um fim último, um deus é um erro. Os homens provavelmente não cometeriam esse erro se o amor não falasse tão bem desse outro amor, desse Amor do qual o coração humano é sedento.

“Se a sua voz não fosse tão comovente, se elas não nos falassem tão bem de outra coisa, as criaturas não provocariam dúvidas em nós e estaríamos em paz com a rosa” (Claudel)

Se o amor natural simples não tivesse um gosto antecipado daquele outro Amor, os homens não colocariam tantas esperanças nele e não se queixariam tão amargamente de terem sido decepcionados por ele.

Estaríamos em paz com o amor, se o fogo do amor de Deus não brilhasse nele, esse amor que ele tem por missão convidar-nos a procurar, passando por ele, mas sem nos determos nele. Pois se ele faz para a humanidade uma prestigiosa promessa, é por parte de um outro e somente este Outro pode cumpri-la. O amor é apenas um mensageiro, Deus é seu patrão.

“Eu sou a promessa que não pode ser cumprida e esta é precisamente a minha graça”: o amor pode tomar sobre si esta confiança feita por Lalá, em “La Ville” de Claudel.

Nem por isso o amor humano é uma “grande trapaça”. Não é ele que engana, são os homens que se equivocam a seu respeito. Se há logro, não é o amor que é culpado, mas aqueles que fazem dele um deus todo-poderoso, capaz de saciar o coração humano. Eis onde está a grande mentira. Enganado, o coração humano espera tudo do amor e o amor o decepciona. Mas como poderia ser diferente? A criatura não pode preencher um coração que é amplo o suficiente para receber o Criador. Essa decepção leva muitas vezes a perder a fé no amor e essa descrença é tão grave quanto a idolatria, da qual é o fruto podre. Depois de esperar tudo do amor, o coração humano não tem mais esperança naquilo que este amor deveria lhe proporcionar: um caminho para ir a Deus. É isso que lhe deveria ter sido pedido desde o início. È um meio e não um fim; mas é um meio poderoso.

Para o coração humano, o amor é, de fato, a grande oportunidade. Extirpa-o de si mesmo, como da injusta dominação das criaturas. Torna-o disponível, livre, ofertado. A visitação do amor é uma hora de graças. Por que não seguir e confiar nessa força que nos chama para fora de nós mesmos? Segui-la para além do amor, até o autor do amor.

Nos amores felizes, os esposos não demoram em encontrar aquele que habita o centro de sua união. Um deles escreveu: “Entendo cada vez melhor que o verdadeiro matrimônio é o da alma com seu Deus”. Nos amores dolorosos, o sofrimento escava no coração o lugar que Deus virá ocupar se o coração infeliz não ceder à tentação do desespero ou, pior ainda, à de negar a fome de amor e de infinito no mais profundo de seu ser. Nesses casais sofridos, portanto, é também verdadeiro dizer que o amor leva a Deus.

Ao longo de toda a vida de um casal, o amor vivo nunca deixa de ser um caminho para ir a Deus, pois é a grande escola da doação e do despego.

O amor é um meio e mais do que isso. Quando a meta é atingida, abandona-se o recurso, larga-se na praia o barco tornado inútil. Os esposos devem levar a Deus o amor que os levou a Ele. O amor colabora para a sua salvação: eles devem, cada dia, trabalhar pela salvação dele, amor. Mas aos poucos ocorre uma mudança. Enquanto no começo eles usavam o caminho do amor para ir a Deus, chega um dia quando parece mais certo dizer que eles passam por Deus para ir ao amor. Ou ainda, que seu amor está em Deus e que não há necessidade de deixar um para ir ao outro.

*

* *

.../...

Cristo fez muito pelo amor, mas ele exige que os esposos não fiquem ociosos. O amor, salvo maravilhosamente e destinado aos mais altos desígnios, permanece vulnerável e ameaçado. Não foram graças de imunidade que Cristo lhe deu, mas graças de labor e de luta que lhe asseguram as forças para superar as tentações (das quais a rotina não é menos temível) e para triunfar sobre os inimigos internos e externos. O amor que recusa o labor e a luta é um amor derrotado de antemão. Não há paz para o amor que não seja uma paz armada. “O amor nunca é o repouso” (Mauriac).

O mais perigoso inimigo do amor é o amor de si mesmo. Por vezes, ouvimos homens ou mulheres casados dizerem: “Eu esperava muito do amor; ele me decepcionou muito”. Na verdade, muitas vezes, foram eles que decepcionaram o amor: era o amor que esperava muito deles. O amor tem o seu orgulho; ele não dá sua alegria nem suas graças aos corações egoístas. Reclamar suas riquezas, ao tempo em que não se lhe concede nenhum esforço é um insulto para a sua dignidade. Aqueles que chegam apenas para pedir são rejeitados, mas os que dão tudo, tudo recebem.

.../...

*
* *

Um grande amor exige um grande esforço: não é obra de um dia só, não é um empreendimento fácil. Passará também por sofrimentos; alguns virão por sua causa, outros serão provações inerentes a toda vida humana. Ele que os aceite. Eles o purificarão e o ajudarão a combater e vencer os germes de pecado e de morte que ele encobre. O amor é protegido pela cruz assim como as casas dos hebreus foram protegidas, no Egito, pelo sangue do cordeiro pascal sobre suas portas: o anjo exterminador ali não entrará.

.../...

Enquanto aqueles que não amam de verdade se rebelam diante dos braços estendidos da cruz, os outros percebem nela a grande oportunidade que se oferece a seu amor para se firmar e crescer. É simples amar quando a pessoa se sente recompensada; é empolgante amar quando, pela alegria do outro é preciso sacrificar-se. Essa grandeza do amor era desconhecida antes do pecado. Numa estrada sem obstáculos, o amor não precisava se superar. Ao causar o sofrimento, o pecado lhe forneceu a ocasião para tanto; melhor ainda, deu ao amor uma arma para vencê-lo. A exemplo de Cristo, para resgatar o pecado que é a recusa do amor, o amor humano vai utilizar o sofrimento, filho do pecado e conquistar a glória do sacrifício.

O casal cristão ama a cruz.

*
* *

Qual é a vocação do amor cristão?

Como todas as criaturas, ele é convidado para cantar a glória de Deus, para a qual ele fora criado: “*Benedicite omnia opera Domini Domino*”. Este é um primeiro aspecto de sua vocação. Mão não se enganem a respeito dessa obrigação. Não se trata apenas de reservar, no lar cristão, um tempo consagrado à oração. Deus não pede “sua parte”; ele pede “tudo”. A vida toda do amor deve ser um louvor.

Podemos pensar que entre todos os louvores da terra, ao Senhor agrada especialmente aquele que o amor cristão lhe oferece; assim como o artista entre suas obras considera com predileção aquelas que expressam o melhor

de si, nas quais ele se reconhece melhor. Portanto, que façam de seu amor uma obra de beleza irradiante, os esposos que desejam louvar Deus.

.../...

*
* *

Além de ser um louvor a Deus, o amor deve ser também uma mensagem de Deus.

A obra dá testemunho do talento do artista: um determinado coral, por exemplo, nos dá acesso à vida profunda de J. S. Bach. Assim também, as criaturas nos falam do Criador, revelam seus pensamentos e suas perfeições. O céu estrelado nos fala de sua ciência, o oceano manifesta seu poder, o olhar límpido de uma criança nos deixa entrever sua pureza, mas o amor nos faz uma confiança bem mais profunda, infinitamente mais enriquecedora para o amor humano: ele nos mostra o amor que está no Coração de Deus.

Um grande amor humano prova que o amor existe sobre a terra – o que já em si é uma notícia particularmente importante para muitos de nossos contemporâneos que perderam a fé no amor – mas, acima de tudo, ele nos oferece uma imagem autêntica do lar divino, do amor do Pai e do Filho na unidade do Espírito Santo: proclama que “Deus é amor”. O amor humano é a referência que nos ajuda a compreender o amor divino. Por meio de seu poder de transformar dois seres em um só, conservando ao mesmo tempo a personalidade de cada um, o amor nos permite adquirir a compreensão da misteriosa união de Cristo com a humanidade e o casamento espiritual da alma com seu Deus.

Aí está, pois, a mensagem de Deus que o amor conjugal está encarregado de levar aos homens. E sua importância permite que avaliemos a estima e a confiança que Deus lhe dá.

*
* *

.../...

Não será um discurso que poderá dignamente fazer o elogio do amor, mas será a vida de vocês, cônjuges cristãos, que estão engajados na magnífica aventura. Vocês estão sendo vistos e ouvidos. Não fujam.

Vocês têm um testemunho para dar. O mandamento de Cristo destina-se também ao amor de vocês: serás minha testemunha.

Testemunho sobre o Padre Caffarel

Maria e Augustin Fragueiro enviaram este testemunho que lhes foi dado pelo **Presidente do Movimento Familiar Cristão da Argentina**, Pablo Adrian Cavallero.

O livro “*Amarás aquele que conheces. O MFC em Buenos Aires: Notas sobre uma história geral do Movimento Familiar Cristão*”[1] informa, ao relatar as origens desse movimento que data de 1948, que em diversos lugares do mundo o Espírito Santo havia inspirado idéias semelhantes.

A idéia surgiu quase simultaneamente na Europa, principalmente na França onde se iniciou o Movimento dos “Casais de Nossa Senhora” animado pelo Padre Henri Caffarel já em 1939 e na Espanha onde foram criados os Grupos Pio XII, com base na espiritualidade conjugal. Nos Estados Unidos, no final de 1947, iniciou-se o “Christian Family Movement” por iniciativa de Pat e Patty Crowley, de Chicago, orientado para o apostolado e organizado como movimento nacional em junho de 1949, por ocasião de uma reunião em Chiderly, perto de Chicago. Também em Córdoba, na Argentina, o padre jesuíta Juan Berro Garcia começou a reunir casais, já que, como superior do seminário de Buenos Aires, recebia e aconselhava costumeiramente noivos e casais. Da mesma forma, um padre paulino, da Ordem do Cardeal Ferrari, Francisco ‘Paco’ Rotger, que morava no número 700 da rua Maipú em Buenos Aires, secretário da Nunciatura desde 1933, formou dois grupos de casais em conformidade com as regras das Equipes de Nossa Senhora; mas no início esses grupos eram de espiritualidade *ad intra* e não de evangelização, apesar de ele ter desejado modificar o caráter auto-centrado sobre o casal, para voltá-los para o *exterior*; foi por isso que fundou mais tarde o Instituto de Assistência, Promoção e Pesquisas sobre a Família (INAFIP). No mundo inteiro houve esta conscientização da necessidade de reconstruir a família em seus alicerces, depois do vácuo deixado pelas duas guerras mundiais e pelos conflitos militares em diversos pontos do planeta. O Papa Pio XII referiu-se com insistência à família [2].

O Padre Pedro Richards, bem informado das atividades e dos trabalhos do Padre Caffarel fundou também o MFC (então chamado de Grupos de

Nuestra Señora) em diversos lugares da Argentina, tendo pedido a ajuda dos iniciadores do MFC uruguaio em Montevideú.

Em março de 1950, quando os Soneira passavam por Buenos Aires para embarcar para a Europa, eles se encontraram com o Padre Pedro. Federico Soneira era o delegado uruguaio na Organização Católica Internacional do Cinema e procurava melhorar a comercialização dos filmes de caráter católico. O Padre Pedro Richards os encarregou de se informarem na Europa a respeito de alguma organização que se interessasse pela família. Por sugestão da Sra. Garcia Arocena, os Soneira entraram em contato com o Padre Caffarel, participaram de uma reunião de casais e foram até a sede das Equipes de Nossa Senhora para adquirir o Anneau d'Or [3].

Após ter começado a fazer reuniões com noivos, atendendo ao apelo do papa Pio XII, o Padre Pedro lançou também ações que levaram à criação de um “Secretaria de Viúvas”: em 1958, por iniciativa de Elvira Zorraquín de Fredenhagen e do Padre Pedro, foi pregado um retiro pelo Padre Pedro de Rivera e, em 25 de maio de 1959 nascia, por impulso do Padre Richards e com a coordenação de Sara Solari de Puente, um grupo de viúvas que se reunia em Buenos Aires. Inspirava-se do documento do Papa Pio XII sobre a viuvez e sua inserção na comunidade, datado de 16 de setembro de 1957, quando do congresso organizado em Roma pela União Internacional das Organizações Familiares. O Padre Caffarel havia iniciado um trabalho semelhante na França e, já em 1941, jovens viúvas se reuniam para orar, para serem ajudadas e para encontrar o sentido e o valor de seu estado [4].

Para seu trabalho, esses grupos de viúvas utilizavam o livro do Padre Henri Caffarel: “O amor é mais forte que a morte”

[1] Pablo Cavallero. Buenos Aires, Agape, 2008.

[2] *Ibidem* pp. 7-8.

[3] *Ibidem* p. 37.

[4] *Ibidem* p. 69.

Associação dos Amigos do Padre Caffarel

Membros de honra

Cardeal Jean-Marie LUSTIGER, ex-arcebispo de Paris †

René RÉMOND, da Academia Francesa †

Pedro e Nancy MONCAU †

Dom Guy THOMAZEAU, arcebispo de Montpellier

Padre Bernard OLIVIER o.p., ex-conselheiro espiritual da E.R.I¹ †

Jean e Annick ALLEMAND, ex-membros do Secretariado, ele biógrafo do Padre Caffarel

Louis e Marie d'AMONVILLE, ex-reponsáveis da ERI e ex-membros do Secretariado

Marie-José BELLANGER, responsável geral da “Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição”

Igar e Cidinha FEHR, ex-responsáveis da E.R.I

Mgr François FLEISCHMANN, ex-conselheiro espiritual da ERI¹

Padre GEOFFROY-MARIE, Irmão de São-João, Abadia de Nossa Senhora de Cana, Troussures.

Alvaro e Mercedes GOMEZ-FERRER, ex-reponsáveis da E.R.I¹

Pierre e Marie-Claire HARMEL, equipistas, ex-ministro belga.

¹ E.R.I., Equipe Responsável Internacional das Equipes de Nossa Senhora

Odile MACCHI, ex-responsável geral da
“Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição”

Marie-Claire MOISSENET, presidente de honra do Movimento
“Esperança e Vida”

Gérard et Marie-Christine de ROBERTY, ex-responsáveis da E R I

Michèle TAUPIN, presidente do Movimento “Esperança e Vida”

Jean-Michel VUILLERMOZ, responsável pelos ‘Intercessores’

Danielle WAGUET, colaboradora e testamenteira do Padre Caffarel

Postulador :

Padre Marcovits, o.p.

Vice-postuladora:

Marie-Christine Genillon.

Diretor da publicação :

Carlo Volpini

Equipe de Redação:

Jacques e Marie-France Béjot-Dubief

**Associação Internacional de Apoio
à causa da Beatificação do
Padre Henri CAFFAREL**
49 rue de la Glacière – 7ème étage
F-75013 PARIS
www.henri-caffarel.org

Sobrenome:

Nome:

Endereço:

.....

Código Postal: Cidade.....

Estado..... País.....

Telefone:

E-mail:.....@.....

Atividade profissional – religiosa

.....

.....

renovação da adesão na Associação
“Os Amigos do Padre CAFFAREL”.

Me comprometo (ou nos comprometemos) com uma
Contribuição anual.
o Membro associado: 10 €
o Casal associado: 15 €
o Membro benfeitor: 25 € e mais

Modalidade de pagamento:

Por cheque bancário ou postal à ordem de
Os amigos do Padre Caffarel”

Associação Lei 1901 publicada na Prefeitura de
Polícia de Paris em 7 de julho de 2005.

Eu peço enviar uma informação e uma solicitação de inscrição

para as seguintes pessoas:

Sobrenome:
Nome:
Endereço
Código PostalCidade
Estado País
E-mail:@.....

Sobrenome:
Nome:
Endereço
Código PostalCidade
Estado País
E-mail:@.....

Sobrenome:
Nome:
Endereço
Código PostalCidade
Estado País
E-mail:@.....

Sobrenome:

Sobrenome:
Nome:
Endereço
Código PostalCidade
Estado País
E-mail:@.....

Sobrenome:
Nome:
Endereço
Código PostalCidade
Estado País
E-mail:@.....